

Memória por um fio por anos a fio

Museus baianos chegam a ficar mais de duas décadas sem trocas na rede elétrica

Fernanda Lima*

REPORTAGEM

fernanda.lima@redabahia.com.br

Quando a hoje enferrujada rede de distribuição elétrica do Museu de Arte da Bahia (MAB) foi implantada, em 1991, o espaço havia ficado fechado por dois anos. Não havia condições elétricas, hidráulicas e estruturais para abertura ao público. Até hoje, 27 anos após sair do colapso, nenhuma grande intervenção. O mesmo para os outros dois museus mais frequentados de Salvador: o Museu de Arte Moderna (MAM) e o Palacete das Artes. Juntos, os três mais frequentados e mais antigos contabilizam uma média de 20 anos sem intervenções na rede elétrica. Foram quase 100 mil visitas apenas em 2018.

Somente após a reforma, os visitantes puderam voltar a frequentar o Palácio da Vitória, onde o MAB está instalado desde 1982 e reserva o maior acervo artístico do estado. Segundo o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), órgão estadual da Bahia responsável pela gerência do museu mais antigo da Bahia, criado em 1918, são 14 mil peças. De janeiro a junho deste ano, 25 mil pessoas passaram por lá (2º mais visitado).

A necessidade de troca na rede elétrica já é reconhecida por funcionários e pelo próprio diretor do museu, Pedro Archanjo. O pedido foi enviado há

mais de dois anos: “Logo quando cheguei, fizemos uma avaliação técnica para enviar ao Ipac. Já está sendo providenciada (a troca na rede elétrica). Existe uma preocupação com o patrimônio cultural e histórico público”, diz. A necessidade de mudança pode ser vista por meio dos fios desencapados, fora de um duto de proteção e na caixa de detecção de incêndio, toda enferrujada.

No caso do Palacete das Artes, museu com maior visitação do ano - 48 mil de janeiro a agosto -, a falta de intervenções na rede elétrica coincide com o ano da inauguração do Museu Rodin, 2007. Já o MAM passa, desde outubro de 2016, por obras de reestruturação na ordem de R\$ 7,7 milhões.

Antes disso, apenas em 1993, o Conjunto Arquitetônico do Solar do Unhão havia passado por uma recuperação total. A entrega da primeira etapa, prevista para outubro deste ano, deve adequar o MAM aos padrões internacionais, segundo o diretor Zivé Giudice. Mas nos outros dois museus levantados pelo CORREIO não há nenhuma previsão concreta de reparos. A arte precisará esperar por uma iniciativa do Ipac, órgão vinculado ao governo do estado, a quem cabe a gestão dos três museus.

Os problemas registrados em fotos pela reportagem foram mostrados à professora e pesquisadora de Engenharia Elétrica Antônia Brito, da Universidade Salvador (Uni-

fac). Dos 43 museus na capital (são 178 na Bahia), ela acredita que a realidade encontrada é um demonstrativo de um problema mais amplo: “Vejo que há um descaso com o sistema elétrico, em geral”.

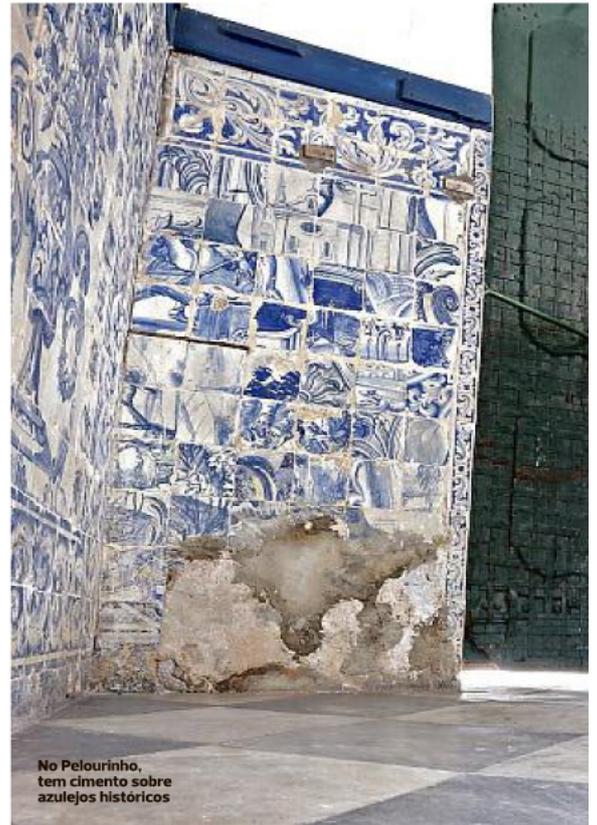
O CORREIO apresenta, abaixo, as condições dos principais museus da cidade. Os espaços foram escolhidos com base no número de frequentadores, acervo e idade. Em posse das imagens e informações, a professora explica como alguns “erros” podem, por exemplo, provocar curto-circuito e incêndios. Dos seis locais mapeados, três são administrados pelo Ipac que, em nota, disse investir nos seis museus sob sua tutela, todo ano, R\$ 864 mil para preservar equipamentos e as 58 mil peças.

FINANCIAMENTO

Museólogos ouvidos pela reportagem e coordenadores, sob anonimato, revelaram que, para a manutenção dos museus, o grande problema é o financiamento, hoje pequeno para manter as instituições.

Segundo a mestre em Museologia Genivalda Cândido, “a verba (com o Ipac) é feita aleatoriamente”. “Na verdade, de acordo com o registro de visitação, aquela assinatura das pessoas que visitam os museus. Mas muitas visitas acontecem sem assinatura”.

Daí, surgem os problemas estruturais verificados. “Se não há verba é o que acaba existindo. Num museu que



No Pelourinho, tem cimento sobre azulejos históricos

Quando se perde a capacidade isolante, o risco é real. Na verdade, não é nem indicado fazer uma emenda

Antônia Brito

Professora e pesquisadora de Engenharia Elétrica da Unifacs

trabalhei, por exemplo, eu sempre solicitava uma contrapartida de quem usava o museu”, diz a museóloga.

Um dos erros aparentemente inofensivo, encontrados em parte dos museus, é o emendo de condutores elétricos com, por exemplo, isolantes. A professora Antônia Brito explica os riscos. “(As emendas) podem provocar um ponto quente, que pode ocorrer uma degradação da isolamento. Quando se perde a capacidade isolante, o risco é real. Na verdade, não é nem indicado fazer uma emenda sem concepção técnica”.

A destruição total do Mu-

ROTA PELOURINHO: CONFIRA A SITUAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS NA REGIÃO TURÍSTICA



MARINA SILVA

Museu Afro-Brasileiro (Mafo)

Instalado no histórico prédio da Faculdade de Medicina da Ufba, no Terreiro de Jesus, abriga em uma das salas uma exposição com peças de Carybé - nela, o teto tem marcas de infiltração e o cubo que protege uma das peças (foto à esquerda) está remendado com uma espécie de fita crepe - “para chamar atenção para que as pessoas não tocassem”, explicou a direção. O museu tem duas das quatro salas abertas ao público - outras duas estão em processo de preparação para exposições. Na primeira, onde há uma exposição sobre o genocídio da população negra, uma fiação exposta no canto direito do teto de-

nuncia que ali havia uma câmera. A diretora afirma que todos os dias a temperatura e a umidade são aferidas para preservar o acervo. “Nós antecipamos o problema para não ser pior depois”, explica Maria das Graças de Souza Teixeira, à frente do museu há sete anos. Entre a primeira e a segunda salas está um buraco imenso no teto do prédio e o corrimão de madeira está quebrado em alguns pontos. O prédio, que é tombado pelo Iphan desde 2015, foi considerado em 1985 Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). A Ufba não respondeu aos pedidos da reportagem.



MARINA SILVA



MARINA SILVA

●● Verba é (com o Ipac) de acordo com o registro de visitação, aquela assinatura das pessoas que visitam os museus. Mas muitas visitas acontecem sem assinatura

Genivalda Cândido

Mestre em Museologia

●● Logo quando cheguei, fizemos uma avaliação técnica para enviar ao Ipac. Já está sendo providenciada (a troca na rede elétrica). Existe uma preocupação com o patrimônio

Pedro Arcanjo

Diretor do MAB



ALMIRO LOPES

● **Museu de Arte da Bahia** Na parte externa do museu, do lado esquerdo, um emaranhado de fios é encontrado pela reportagem próximo a plantas.



FERNANDA LIMA

● **Caixa de Incêndio** Também do MAB, a reportagem encontrou o sistema de detecção e alarme de incêndio foi encontrado com vários pontos de ferrugem.

seu Nacional do Rio, no último dia 2, é, inclusive, relacionada informalmente a um curto-circuito, segundo o ministro da Cultura, Sérgio Sá Leitão. Outro problema comum encontrado nos museus de Salvador é a falta de proteção dos fios. Novamente, um risco. "O ideal seria um passagem de PVC para que os fios passassem ali dentro. Ficaria muito mais seguro. Principalmente nos locais com madeira, altamente inflamável", avalia Antônia.

A periodicidade de trocas nas redes elétricas nos museus não é definida por nenhuma legislação específica. Mas, no

caso da Lei de Manutenção Predial, por exemplo, a indicação é de que haja vistoria técnica nos prédios de 5 em 5 anos. Quando seria, então, necessária a troca? "Com a manutenção, a percepção fica muito maior. Quando se vê muitas emendas, oxidações... é um sinal disso", diz a professora. Os problemas foram reportados ao Ipac, que, ainda assim, não respondeu quando os problemas seriam solucionados. Nem se seriam. O Corpo de Bombeiros também foi procurado, por duas semanas, e não respondeu aos pedidos de entrevista.

***COM SUPERVISÃO DA EDITORA MARIANA RIOS**

Mas como cuidar do patrimônio?

A partir da década de 80, mas com intensidade no milênio seguinte, os museólogos brasileiros começaram a acreditar num novo movimento: o da Nova Museologia. Nele, os acervos seriam itinerantes. A ideia seria tirar os museus dos muros para levá-los às escolas, congressos. A preservação da memória, afinal, seria uma ação conjunta feita a várias mãos.

O museólogo José Cláudio Alves de Oliveira, professor do Departamento de Museologia da Universidade Fede-

ral da Bahia (Ufba), justifica: "Não esperar que as escolas vão ao museu é fundamental. Os museus têm divulgação nas mídias eletrônicas. Ir para escolas fazer palestras, por exemplo. Não é só uma visita rápida. Mas também ações artísticas, por exemplo, cativando o público". Na Bahia, a iniciativa é restrita ao Museu Geológico da Bahia. Os outros ainda esperam as visitas, embora já despertem para o novo.

O diretor do MAM, Zivê Giudice, despertou há anos.

O projeto MAM Abraça as Crianças, na 16ª edição hoje, das 14h às 17h, foi lançado justamente para atrair as crianças ao museu. Giudice, que é também artista plástico, acredita que o incentivo da arte para os mais jovens permite um "ambiente inspirador". "Promover o sistema cognitivo das crianças através do ato criador e da convivência coletiva num lugar inspirador, certamente, garantirá no futuro mais pessoas interessadas no MAM".



BRUNO WENDEL

Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) O segundo museu abrigado no prédio da Faculdade de Medicina da Ufba é o de Arqueologia e Etnologia, onde há objetos indígenas, pinturas e fotografias. Na Ala Professor Pedro Augustino, existem sinais de infiltração na parede da sala onde há exibição de um vídeo sobre a rotina indígena, um buraco em um outro ponto da parede de exibição mostra que um monitor foi retirado e não colocado de volta. Na Ala Professor Valentim Calderón é possível ver um emaranhado de fios e no final da Ala Antônio Matos também estão mais fiações expostas pelo chão. O espaço foi até alvo de inquérito do MPF.



MARINA SILVA

Museu da Ordem Terceira de São Francisco Funciona ao lado da igreja que leva o mesmo nome e a estrutura apresenta rachaduras em vários pontos do teto da maioria das salas. Algumas rachaduras chegam a danificar pinturas do próprio teto, onde é possível encontrar também ninhos de cupim. É possível notar paredes mofadas, escadaria danificadas, o famoso painel de azulejos descascando e uma caixa do circuito elétrico num emaranhado de fios. No último mês, um acordo do Ipac com a Ordem começou a intervir na azulejaria. Uma tela foi colocada sobre as paredes para evitar a evolução da perda das imagens.